

O PAÍS



Ano I número 50
Preço: 10\$00
semana de 17
a 23 de Dezembro
1976

Na próxima semana
por motivo do feriado
do dia 24, «O PAÍS»
será posto à venda
na quarta-feira, dia 22

José Vacondeus Directores Vera Lagoa

O ALARME foi dado pelo telefone. Um colega dizia: "Foi posta uma bomba no Jornal". Pus-me a rir. Pois se os ataques bombistas são feitos pela Direita" (vidé palavras do brigadeiro Charais, "Canto do cisne da Direita reaccionária) e sendo este Jornal acusado, por "determinados poderes" e "determinada imprensa", de pertencer a essa mesma Direita, não se entendia que aqui fosse posta uma bomba. Mas não havia motivo para riso. Era verdade. Uma infame verdade.

Pretendeu-se calar-nos. Pretendeu-se tirar o posto de trabalho a cerca de 25 pessoas, pretendeu-se arruinar-nos economicamente, para que não pudessemos sobreviver. Mas nós vamos continuar. Na manhã seguinte, no momento em que escrevo este artigo, num andar em ruínas (foram três as bombas), com máquinas e secretárias carbonizadas, toda uma redacção se acumulou numa pequena divisão, toda a contabilidade e publicidade se acumulou noutro espaço disponível, sem vidros nas janelas, com buracos no chão, toda a gente recomeçou o seu trabalho.

Fugiria à minha maneira de ser, bem conhecida dos atacantes, se não viesse aqui responsabilizar pelo atentado as figuras que, quer na Imprensa quer na Televisão (inclusivamente no dia das eleições) fizeram afirmações de que "certa Imprensa" atacava "os poderes paralelos", etc. Palavras como essas são incitamentos a ataques bombistas. Aliás, o comunicado que reivindica o atentado intitula-se comunista. E isto quer dizer muita coisa. "Os gajos porreiros" estão em acção. Quero lembrar que tudo isto vem dentro da mesma linha que fez calar o "Diabo" e pôs uma bomba no "Sol".

O meu colega na Direcção deste jornal (e seu fundador) teve de partir em serviço para o Brasil, acompanhando o primei-

ro-Ministro, duas horas após o ataque bombista. Partiu vendo o Jornal que construiu completamente desfeito. Mas solidariza-se inteiramente comigo no artigo que assino. Ele como eu, continuaremos. Ele como eu, continuaremos a nossa luta de desmascaramento de figuras que consideramos perniciosas para a Nação, sejam elas quem forem. Enverguem ou não enverguem uniforme. E, apesar das bombas, continuamos, ele como eu, a afirmar que não temos medo.

Os prejuízos são consideráveis. Centenas de contos. Não sei, neste momento, como poderemos recuperar, arranjar dinheiro para reconstruir as instalações. Mas nunca estivemos tão unidos, todo o pessoal, desde a Direcção aos paquetes. Perdemos muito dinheiro, mas ganhámos mais amizade uns pelos outros, a nossa solidariedade é ainda maior.

Resta-me apelar para o Governo, para o próprio Presidente da República, que afirmou que seria implacável na repressão a estes ataques. No Governo confio. No Presidente da República continuo a confiar.

O à-vontade com que os criminosos se movem, parece querer mostrar que contam com altas protecções e que não sofrem punições.

Não deixa de ser curioso o facto de termos sido alvo de bombas depois de termos feito um número especial dedicado ao Relatório das Sevícias. Eanes cumpriu no que respeita a esse Relatório. Pois que cumpra agora, também, e mande fazer justiça. Não será difícil encontrar os culpados. Basta investigar a quem o crime aproveita. Basta investigar a quem interessa silenciar "O País". Que, repito, não se calará. Pelo contrário. A adversidade cria-nos novas forças.

Querem luta? Pois vamos lutar.

Vera Lagoa

A RESPOSTA É: NÓS NÃO PARAREMOS!



Telex de José Vacondeus
pág. 13

Figuras & Figurões

16



Dizem que tem o cabelo
Todo encaracoladinho
E por isso é que o rapa
O senhor Rosa C _____ o.

«Revolucionários» que eu conheci

Os sofrimentos do camarada Artur

PODEM invejá-lo, ao camarada Artur Ramos, por ter nascido em berço de ouro e vida doirada haver levado sempre. Sim, quantos o invejarão! Mas enganam-se esses, que assim pensam. Enganam-se esses invejosos grandes ou pequenos burgueses, cuja mentalidade reaccionária não lhes permite aperceberem-se das horríveis torturas a que um militante "pêcê" da pura cepa esteve sujeito durante os seus 50 anos de vida. Como poderiam esses reaccionários empedernidos compreender a grandeza do sacrifício do camarada Ramos, obrigado, durante esse meio século, a frequentar os restaurantes mais caros, mais impudicamente capitalistas, as "boites" mais decadentes, a utilizar-se da força de trabalho do "chauffeur" que lhe tripulava os seus dois carros? Obrigado a usufruir a sua bela casa do Estoril e, acima de tudo, forçado à pena suprema de ter de conviver e confraternizar com os burgueses reaccionários deste País e altas personalidades da hierarquia fascista do regime derrubado?

Sim, um militante comunista ver-se obrigado a viver dessa maneira, praticamente numa clandestinidade ao contrário — uma clandestinidade de luxo — é demasiado sofrimento. Bem sei que, na outra clandestinidade, a da miséria, havia os que passavam fome, viviam acossados, eram presos, torturados. Mas isso é o normal das clandestinidades. Esses vivem de acordo com as suas ideias. É lógico. Diria mesmo fácil, comparado com a suprema tortura de viver à direita, pensando à esquerda. E, ainda por cima, uma vida faustosa de pândega permanente. Mas que outra coisa poderia fazer um militante disciplinado perante a dura ordem do Partido? "Vai, Artur, vai e mistura-te com os nossos opressores".

O que deves ter sofrido, Artur!

(continua na pág. 24)

Vera Lagoa

Já estão finalmente
à venda as cadernetas
para o concurso
«Figuras & Figurões»
ao preço de 20\$00 cada.

Em todos os pontos onde é adquirido o nosso Jornal,
poderão os leitores encontrá-la.



Mário Soares no Brasil

(pág. 9)

Após eleições:

Oposição mais activa?

(pág. 8)

Transportes: um drama nacional

(pág. 10)



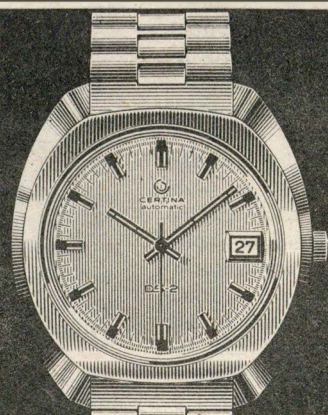
Certina-DS

o relógio mais forte do mundo

Procura um relógio em que possa confiar em todas as circunstâncias? Visite um Agente Certina e ele lho revelará: o incomparável Certina-DS.

Certina-DS resiste a choques que nenhum outro relógio poderia suportar. A sua "máquina flutuante" — revolucionário sistema de protecção — assegura precisão e resistência notavelmente superiores às normas usuais de controlo.

Certina-DS uma revelação em elegância, precisão e resistência.



corda manual
corda automática
electrónico C-Tronic
electrónico Quartz

CERTINA

«revolucionários» que eu conheci

Os sofrimentos do camarada Artur

(continuação da pág. 1)

E, Artur, o camarada, foi.

Foi e teve de almoçar semanalmente com o Ramiro Valadão (cruzes, canhoto, o que o pobre Artur sofria nesses momentos!) e teve de convidar Valadão para sua casa, com Caetano de Carvalho (o que tornava o sofrimento ainda maior) e teve de aceitar colaborar na Televisão fascista e, acima de tudo, viu-se obrigado ao cargo de director do Teatro Maria Matos, que Valadão só entregaria — disse-o — a uma pessoa da sua confiança. E Artur sofria tanto, tanto, que não podem imaginar. Até tinha de jogar intermináveis partidas de gamão com a Maria Joaquina Roquete. Mas eram ordens do Partido. E Artur amava o Partido, acima de tudo, correndo o risco de as bases pensarem que ele colaborava com os responsáveis pela sinistra e longa noite fascista.

O que deves ter sofrido, Artur!

Ainda os almoços

Uma pouca sorte. Naquela mesa do canto do "Tavares" os empregados são testemunhas dos sofrimentos ináuditos de Artur. Foi ali mesmo, que ele levou Artur Portela Filho (outro indefectível democrata) a almoçar com Valadão. Foi ali que Portela pediu (ao Ramiro, evidentemente) um programa na TV E foi ali, também, que Valadão disse: "Não!"

O que deves ter sofrido, Artur!

Desse "não" saiu uma das mais "brilhantes" crónicas de Portela, o Filho, em que arrasava Valadão. Tê-la-ia escrito se Valadão houvesse dito "sim"? Claro que não. Sabe-se é que os pobres rapazes sofreram imenso naquele almoço. Dos sofrimentos do Filho, ocupar-me-ei um dia. Trata-se, agora, de explicar ao público que tudo o que o Artur fazia, era por sacrifício, por disciplina, por ordem do Partido.

O «Papagaio»

Se o Manecas Mouselek aqui estivesse, poderia contar quanto custavam aquelas festas organizadas por Artur no "Papagaio", no Alvor, principalmente aquela em que ele pediu ao Manecas para convidar toda a sociedade que se encontrava no "Alvor", a começar pelos Melos. Sim, os Melos. A grande família capitalista-monopolista. Foi grande a decepção do camarada por os Melos não terem aceite a amabilidade do Artur. Eram uns chatos. Não sabiam que Artur apenas cumpria ordens e que, no fundo, os desprezava. Mas o sacrifício do camarada Ramos começa agora a ser entendido.



O «hotel do Mar»

O Partido mandava e Artur obedecia. Se não fosse assim, como poderia ele (um trabalhador) oferecer aquela festa de aniversário de casamento em Sesimbra, no "hotel do Mar", com quartos pagos por sua conta (ou da mulher?) para os convidados, com "boite" a funcionar também por conta do anfitrião, com músicos e artistas contratados? Pobre Artur! Como todos nós, os que o conhecíamos apreciávamos o seu sofrimento! E as festas de Paris? Ah! Essas ainda eram as gotas mais amargas do cálix que estava destinado a escorrer até às fezes. Imagine-se que Artur era obrigado a tomar um avião, com a mulher, e seguir para Paris, para assistir aos jantares organizados pelo François Chatel, um tipo reaccionário a mais não poder ser e que obrigava os convidados (para a festa, não para o avião nem para o hotel) a vestir-se à "belle-époque". E lá foram os Ramos sofrer, carregados de malas, para estar apenas uma noite e um dia em Paris a assistir a uma festa cujo "raffinement" os revoltava a mais não poder ser. Mas que querem? Eram ordens do Partido.

O que deves ter sofrido, Artur!

O «Alvor»

Outro período amargo para Artur, eram as férias. Lá ia ele para o "Alvor", obrigado a dançar todas as noites no "Papagaio", a beber "whisky", a conviver com o António Mascarenhas, o Mané Sousa Lobo, etc., etc. Os mesmos que diziam de si próprios, ser "a fina flor do reaccionarismo português". Pois eram e o Artur lá estava, sempre, sempre obrigado pelo Partido a convidá-los para casa, a fazê-los beber "whisky" à barba longa e a ter, ele próprio, de beber também. Mas, se a presença física de Ar-

tur ali estava, o Partido sabia que o seu espírito voava para longe, entrando nos tugúrios do povo mais explorado e miserável. Sempre, sempre, ao lado do Povo, o camarada Ramos. Em espírito.

O que deves ter sofrido, Artur!

Com a "nova sociedade" que actualmente lhe frequenta agora a casa, julgamos que servirá "vodka" em vez de "whisky". Ou bagaço. Dirá melhor com o poncho de lã que a mulher põe depois de tirar o vison para distribuir o "Avante". Que sofrimento, Deus meu!

Essas férias no Algarve eram combinadas com o Ramiro Valadão, para estarem mais tempo juntos. Tinha de simular ter por ele uma grande devoção.

O Estoril

Então no Estoril, ainda era pior. A casa posta à disposição de reaccionários (sempre ordens implacáveis), tinha de frequentar, diariamente, a piscina do hotel Palácio (seis contos por mês — mais do que o salário mínimo). Uma violência horrorosa...

Mas, finalmente, depois do 25 de Abril, a casa, agora, até já esteve ao serviço de Georges Marchais. Finalmente os tempos são outros e outros os convidados. E estes, os de agora, sabem até onde foi o espírito de sacrifício e do cumprimento do dever, de Artur. Por isso compreendem que aquilo, aquela paródia rasgada, dia e noite, as comezainas no "Pescador", tudo isso fazia parte da sua clandestinidade — era tudo militância activa.

O que deves ter sofrido, Artur!

As festas do Clube Alemão

Mas não acabam aqui as provações do camarada Artur. A obrigação de frequentar o Clube Alemão e a ali dar festas, era outro suplício sem nome. Sim, que o Clube Alemão não era da R.D.A., mas sim da Alemanha Federal! Seria o cúmulo se Artur não estivesse, como estava, disposto a esgotar a sua dose de sacrifícios até à sua última gota... de "whisky." Perdão, de fel.

Os jogos

As noites de jogo, de "pocker" caro, eram permanentes. Artur estava cansado. Principalmente, depois daquele ataque de coração que teve e de que foi salvo pelo Miguel de Araújo. Mas já lá vou. Artur não queria jogar. Isso era contra os seus princípios de militante comunista. Mas que diriam os reaccionários, com os quais ele tinha ordens para conviver? Era aceitar as regras do jogo, e continuar a sofrer.

O que deves ter sofrido, Artur!

A doença

O que ele deve ter sofrido quando, salvo por Miguel de Araújo, que o conduziu imediatamente ao hospital e nunca o abandonou, nem por um minuto, teve que, logo após o 25 de Abril, sentar-se na sua própria cadeira (do Miguel) e gritar pelo seu imediato afastamento. Consta-me que até as lágrimas lhe corriam. Pobre Artur! O Miguel continua desempregado e expulso da TV pelo homem que levou a Santa Maria com um enfarte. Mas o Miguel compreendeu que o pobre Artur tinha de sofrer mais este golpe. O de saber que o seu antigo protector (também, que raio, Miguel!) está desempregado. há dois anos e nada pôde fazer por ele. Bem sei que também o correram, ao Artur, da tal cadeira que ele tão sofregamente ambicionava como prémio de bons serviços. Mas outros, injustos, não tiveram dó do camarada Artur. E a cadeira do Miguel, foi-se. Coitado, ele que só queria fuzilar uns tantos miseráveis reaccionários. Que mal tinha isso?

O que deves ter sofrido, Artur!

A tortura das rendas

As amarguras não têm conto. Entre elas, aquele horror de ter de receber as rendas dos prédios da mulher, dona, inclusivamente, do prédio do "C. Santos", na avenida da Lierdade. Mas tudo isso é por sacrifício, meus caros leitores, que têm andado mal informados. Ele nunca quis viver faustosamente. Era obrigado a isso. A esse tormento.

O espancador de mulheres

Por dever, aquele homem era obrigado às coisas mais infames. Imagine-se que uma noite, saindo do "Pescador" (andava ele atrás duma francesa) e querendo por isso prolongar a festa, sugeriu que fossem dançar. Helena Calmon, uma das mulheres mais bonitas de Lisboa (ainda o é), que, na altura, andava preocupada por pensar que estava envelhecendo, recusou-se e disse que ia para casa. E logo Artur: "Vais deitar-te porque estás velha!"

Helena, em crise, respondeu-lhe: "Estarei velha, mas não vivo por conta de ninguém, como vives por conta de tua mulher!" Rápido, Artur, reage. Corajosamente, dá-lhe um murro num olho. Helena usava óculos e ainda há pouco tempo teve ocasião de me mostrar (já passaram anos) as cicatrizes que os vidros lhe deixaram. Os franceses, atónicos, contemplavam a cena. Mas, claro, Artur fazia tudo aquilo por dever. Em defesa da sua honra de militante. Ele era lá capaz de bater numa mulher!

Bem sei que se tratava de uma reaccionária que até está, agora, inscrita no P.S. Não se pode ser fascista

(continua na pág. 20)

«revolucionários» que eu conheci

Os sofrimentos do camarada Artur

(continuação da pág. 24)

ta. E bater numa fascista devia também ter sido, para disfarçar. Ordens.

O que deve ter sofrido, Artur!

O camarada Zé Viana

É quando Artur se viu obrigado a humilhar o próprio camarada José Viana, mandando-o representar para sua filha e para as meninas do seu grupo, quando ela fez anos? E Zé Viana foi. Foi ao domicílio, como ia ao domicílio de Tomaz. Mas, que diabo! Então ainda não se percebia que tudo aquilo era teatro? E o camarada Ramos é um "especialista" na matéria...

Processo de Kastrim

Uma das coisas que mais lhe custou foi ter sido testemunha contra Mário Kastrim, seu camarada de Partido! Mas que podia Artur fazer? O Partido ordenou que ele disfarçasse e defendesse o impoluto Luís Francisco Rebelo e ele lá foi. Compreendem agora porque o lamento?

O que deve ter sofrido Artur!

Que angústia

Esta é a mais recente. Como ele deve ter sofrido, não como militante, mas como homem digno, por não ter podido assistir ao funeral de Dona Maria Duarte Ferreira! A mesma angústia deve tê-lo apoquentado por ter sido impedido de visitar, na cadeia, o Ramiro Valadão (que por ordem de Marcelo Caetano lhe havia dado emprego). O oficial de diligências não conseguiu encontrar a sua residência, embora Artur já não vivesse na clandestinidade. Tudo isto para impedir que Artur fosse depor a favor de Valadão! Como se toda a gente em Lisboa não soubesse que Artur mora há vinte anos (como eu) no n.º 8 da Praça das Águas Livres! Que Artur trabalhava na Televisão! Mas é assim. Se convivia com Valadão, se o seguia por toda a parte, se lhe pedia favores, era por receber ordens para isso, mas ir agora à cadeia ou ao Tribunal podia (agora) comprometer o Partido que durante anos o obrigara a acompanhá-lo (ao Ramiro).

O que deve ter sofrido, Artur!

E Moreira Baptista?

Outro fascista cujo convívio o fazia quase chorar de desgosto. Mas tinha de ser assim. E lá

ia ele procurar (continuadamente) esse "ex-opoente do fascismo" para que Moreira Baptista não desconfiasse de que ele só andava ali na "clandestinidade"...

O prémio do SNI

Muitas e mais enlouquecedoras ainda foram as provações de Artur. Aquela de o Partido o ter obrigado a ir ao SNI buscar o prémio que o organismo mais representativo da "inteligentzia" fascista lhe conferira, foi de arrombar um homem. De causar calafrios ao mais duro clandestino. Pois foi em 1971. O que valia é que a libertação estava próxima e ele iria poder devolver o prémio. O ter de aceitar o galardão fascista e ir ele próprio buscá-lo, era o Partido a pô-lo à prova. Prova que Artur venceu, corajosamente, impolutamente, mais uma vez.

O que deve ter sofrido, Artur!

Agora, sim, Artur!

O que sofreste, meu devotado militante, quando, depois do 25 de Abril, o teu Partido, a que obedeceste cegamente durante a longa noite fascista, te obrigou a sanear os teus companheiros dessa noite. Quer dizer, dessas longas noites de pândega, divertimento, bebida, etc., a que a tua original clandestinidade te obrigava!

Mas saneaste-os. E, pelo que vejo nos jornais, substituíste-os por camaradas convictos, como a Maria Dulce e o seu companheiro António Machado. Dois intelectuais que te darão, certamente, a compensação das madrugadas de "whisky" a que eras forçado a submeter-te. O Machado, então, já estava na clandestinidade no tempo do Gustavo Cordeiro Ramos. E daquelas senhoras de meia idade que lhe pagavam. Coitado. Partido, a quanto obrigas...

Mas, enfim, tudo passou e agora é que vives a tua verdadeira vida. Com amigos à tua altura. Aquela festa dos cinquenta anos ainda deve fazer parte do programa que o Partido te obrigou a seguir, não?

O que deve ter sofrido, Artur!

Adeus, Artur

E agora, Artur, tu que és meu vizinho, vê lá, se, sempre obedecendo a ordens, claro, vens a minha casa esmurrar-me como fizeste à Helena Calmon. Podes vir. Estou preparada e, além disso, não uso óculos.

O que deve ter sofrido, meu pobre "Pássaro de Asas Cortadas!"

Vera Lagoa